

O QUE É CONTEMPORÂNEO? E OUTROS ENSAIOS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesk. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009. p.55-76.

RESUMO

O contemporâneo é esse devir e esta forma inapreensível de estabelecer conceitos e parâmetros para melhor compreensão sobre seus objetos disseminados quase instantaneamente na cultura. Um conceito que nasce das trevas e ao mesmo tempo lança sua luz em nossa direção, para nos desafiar a compreender a incompatibilidade de seus enigmas e sua forma intempestiva num tempo oscilante e por vezes anacrônico.

De quem e do que somos contemporâneos e o que significa ser contemporâneo? Estas são as primeiras indagações feitas por Agamben logo no início do seu ensaio e que talvez balizem todos os seus argumentos ao longo de sua exposição.

As considerações intempestivas e mais especificamente a segunda consideração é uma indicação provisória sobre o que seja o contemporâneo a partir da ideia de Nietzsche em uma de suas considerações. Segundo Nietzsche, “o contemporâneo é o intempestivo”, ideia principal que alimenta todo argumento de Agamben para apresentar seu ensaio.

Dissociado de uma cultura baseada na história na qual somos tragados para dentro e ao mesmo tempo temos que dar conta de sua compreensão, Nietzsche busca atualizar a ideia de contemporaneidade em relação ao presente a partir de uma desconexão e dissociação de uma visão histórica para uma perspectiva a-histórica.

A não coincidência entre o sujeito e o contemporâneo, é justamente aí nesse deslocamento que o sujeito se torna capaz de perceber e apreender o seu tempo mais do que os outros. Não importa se há um homem inteligente que odeie o seu tempo, mas o mais importante é que ele tenha consciência de que este lhe é inescapável. Assim, a contemporaneidade está singularmente relacionada com seu próprio tempo e a ele adere-se ao mesmo tempo em que se distancia por meio de uma dissociação e anacronia.

Um exemplo para o distanciamento entre tempo e sujeito é, segundo Agamben, o poeta, cuja vida se esvai em troca desta fera que é a contemporaneidade, onde ele deve manter os olhos fixos e com a morte do seu próprio corpo e sangue observar os estilhaços do tempo. “O poeta deve manter o olhar fixo em seu tempo”. Nesse sentido, Agamben traz uma segunda definição para o contemporâneo, afirmando que o poeta deve fixar-se no seu tempo para perceber não as luzes nele contida, mas sua escuridão, seu escuro e assim poder experimentar o tempo no obscuro da contemporaneidade. Pois, para Agamben, “contemporâneo é, justamente aquele

que sabe ver essa obscuridade”, e assim ser capaz de escrever através do seu olhar nas trevas do presente. De acordo com Agamben, *o contemporâneo é esse devir e esta forma inapreensível de estabelecer conceitos e parâmetros para melhor compreensão sobre seus objetos disseminados quase instantaneamente na cultura. Um conceito que nasce das trevas e ao mesmo tempo lança sua luz em nossa direção, para nos desafiar a compreender a incompatibilidade de seus enigmas e sua forma intempestiva num tempo oscilante e por vezes anacrônico.*

Contemporâneo é aquele que está constantemente sendo interpelado e consegue perceber o escuro e o facho de trevas que está no seu tempo e dele vem. Uma percepção no escuro do presente cuja luz segue em nossa direção, mas não pode nos alcançar, então, para Agamben, isso significa ser contemporâneo, ou seja, este enfrentamento por um distanciamento é uma questão de coragem.

Para Agamben, é preciso reconhecer nas trevas do presente esta luz inalcançável que segue em nossa direção. A narrativa contemporânea seria essa treva, essa escuridão do presente que vem em nossa direção, mas sempre no limiar inapreensível como ocorre com a moda, um bom exemplo para ilustrar nossa experiência com “o tempo que chamamos de contemporaneidade”.

A moda se revela inapreensível ao ser colocada fixa e objetivamente num tempo cronológico, pois este já está além de si mesmo e assim sempre atrasado. Até mesmo o conceito de moda já é algo inapreensível, a partir do momento em que o sujeito se diz na moda, ele já está fora de moda, conforme aponta Agamben. Portanto, neste mesmo contexto da moda, contemporaneidade é o “ainda não”, ao colocar em relação o dividido, rechamado, re-evocado e ou recontextualizado.

Para Agamben esta relação com o passado tem também outro aspecto: a relação com o passado é a tentativa de escrever no presente as formas arcaicas trazendo para perto as suas origens e com elas ser efetivamente contemporâneo a partir de uma perspectiva a-histórica. O arcaico em relação com o passado é esse contemporâneo e devir histórico, extemporâneo ou intempestivo.

Segundo Agamben, os historiadores da literatura e da arte dizem que “entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto” (p.70). E não porque a primeira parece influenciar o presente com certo encantamento, mas sim porque a chave da segunda está escondida numa memória inapreensível e um tempo igualmente inatual. E é por isso que, segundo Agamben, “ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos” (p.70). Pois se trata de uma interpolação a partir de uma cesura e descontinuidade de um presente linear e inerte, para que o contemporâneo entre em atividade e coloque em relação simultânea os dois tempos. Assim, o contemporâneo “faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e gerações” (p.71).

Para Agamben, o contemporâneo não é apenas aquele que se percebe no escuro a possibilidade de apreensão de uma determinada luz no presente; ao interpolar o tempo pode ser colocado também entre outros tempos e assim ler a história sem de modo algum usar o historicismo e o positivismo do século XIX. Estar com os ouvidos atentos faz parte de nossa capacidade para esta exigência, que nos é imposta pela escuridão do presente e ser contemporâneo não apenas do nosso tempo e do “agora”, mas também dos textos, documentos e suas figuras do passado.

Ser contemporâneo é estar no ponto de fratura entre os tempos: passado e futuro, sem deixar de considerar sua perspectiva a-histórica ou extemporânea em direção a uma luz nas trevas do presente. Contemporâneo é ter uma singular relação com seu tempo, aderindo a ele e ao mesmo tempo dele se afastando a partir de certo distanciamento como principal exigência, inclusive com certa ponderação e tempo de maturação para melhor compreensão de seus obscuros enigmas. Seguindo nessa mesma perspectiva é importante acrescentar que o sujeito contemporâneo deve se manter alerta, ter certa resistência e um olhar fixo no seu tempo, para nele perceber não a luz, mas o seu escuro. Pois, contemporâneo também é aquele que percebe no escuro do presente esta luz, entrando aí um caráter místico sob a perspectiva de Heidegger, ou seja, a luz de um tempo que busca nos alcançar sem nunca conseguir.

Marcos Torres